

## Comércio Brasil - Rússia

## Mudanças e desafios

Rinaldo Junqueira de Barros\*

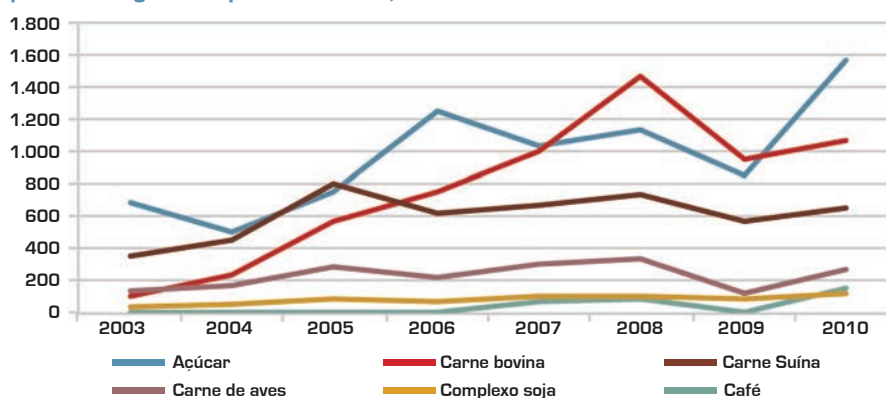
O COMÉRCIO entre o Brasil e a Federação da Rússia triplicou desde 2003. No ano passado, as exportações do agronegócio brasileiro ultrapassaram 4 bilhões de dólares, resultado 30% maior que as exportações de 2009 (ano da crise), e apenas 120 milhões de dólares menores que 2008 (recorde nas exportações – US\$ 4,18 bilhões).

Com população superior a 143 milhões de habitantes, enormes recursos naturais, petróleo e gás natural (segundo maior produtor mundial), a Federação da Rússia está entre as maiores economias do mundo por PIB no final (US\$ 1,5 trilhão) e por Paridade do Poder de Compra (PPC) - 6º do mundo. A Federação da Rússia tem crescido em média 7% ao ano. O crescimento econômico é impulsionado, desde o início dos anos 2000, pela estabilidade política e pelo aumento do consumo interno. A classe média passou de 8 milhões de pessoas em 2000 para mais de 65 milhões em 2010. No ano passado, 13,7% dos russos viviam abaixo da linha de pobreza nacional, número bem menor do que os 40% de 1998, o pior resultado após o colapso soviético.

Nos últimos dez anos, o competitivo agronegócio brasileiro exportou mais de 25,5 bilhões de dólares em produtos agropecuários para atender a demandas russas por alimentos. No ano passado, a Federação da Rússia foi a maior importadora do Brasil de açúcar, carnes bovina e suína e a segunda maior importadora de café solúvel e de carne de peru *in natura*. O sétimo maior mercado para o freguês brasileiro, além de importar produtos do complexo da soja, frutas (maçã, uva, manga, laranja, banana e outras), tabaco e suco de laranja.

A Federação da Rússia não deve ser observada apenas como grande consumidor de alimentos. É estratégico olhar as mudan-

Evolução das exportações brasileiras dos principais produtos agrícolas para a Federação da Rússia



Fonte: Secex/AliceWeb

ças em áreas sensíveis que acontecem no país e no mundo.

Internamente:

- as políticas públicas relacionadas com a meta de autossuficiência na produção de alimentos; e
- o controle da inflação e seus reflexos no abastecimento alimentar.

No mundo:

- o forte aumento nos preços dos alimentos; e
- a expectativa de conclusão do processo de adesão do país à Organização Mundial do Comércio (OMC).

A preocupação com os efeitos dos subsídios concedidos pela vizinha União Europeia, com o controle da inflação, com a garantia de suprimento, e com a estabilidade nos preços dos alimentos, pressiona pela manutenção e ampliação dos subsídios concedidos à agricultura e à agroindústria local. A posição brasileira, nas negociações em Genebra e em outros fóruns, é de preocupação com o nível de subsídios concedidos ao setor agropecuário. Os exemplos de subsídios para a agricultura aplicados nos Estados Unidos da América e na Europa fomentam produtores ineficientes, levam à

formação de preços irreais, impedem avanços tecnológicos, prejudicam a adoção de medidas sustentáveis e de valores ambientais na oferta mundial de alimentos.

A política de autossuficiência da Federação da Rússia já apresenta reflexos diretos nas importações de produtos agropecuários do Brasil, como o aumento das exportações brasileiras de soja e rações e a diminuição nos suprimentos de carne. No médio prazo, podem gerar excedentes para a exportação, trazendo mais distorções ao mercado.

Por não pertencer à OMC, a Federação da Rússia fixa quotas tarifárias para produtos, como as carnes, com discriminação por país fornecedor, iniciativa apoiada pelos Estados Unidos e pela União Europeia, que sempre mereceu posição contrária do Brasil. Com tarifa extraquota de 95% para carne de aves e de 56,25% para suínos, os produtores brasileiros perdem competitividade para exportadores estadunidenses e europeus.

Para 2011, há mudanças: a quota para carne bovina congelada atribuída aos Estados Unidos foi aumentada em 20 mil toneladas e para os demais países (incluindo o Brasil) foi reduzida na mesma quantidade. Por outro lado, as quotas para carne

### Quotas tarifárias para carnes bovina, suína e de frango Distribuição e volumes por países exportadores (2008 a 2011)

Tipo de Carne	2008	2009	2010		Federação da Rússia	2011	
			programado	ajustado		Bielorrússia	Cazaquistão
Bovina (refrigerada)	28.900	29.500	30.000	30.000	30.000		
UE		29.000	29.000	29.000	29.000	2.500	20
Outros países		500	1.000	1.000	1.000		
Bovina (congelada)	445.000	450.000	530.000	530.000	530.000		
UE	351.600	355.500	60.000	60.000	60.000		
EUA	18.300	18.500	21.700	21.700	41.700	2.500	10.000
Paraguai	3.000	3.000					
Outros países	72.100	73.000	448.300	448.300	428.300		
Suína	493.500	532.900	472.100	472.100	472.100		
UE	249.300	254.400	225.000	225.000	225.000		
EUA	49.800	100.000	57.500	57.500	57.500	60.000	7.400
Paraguai	1.000	1.000					
Outros países	193.400	177.500	189.600	189.600	189.600		
Suína (trimming)	até 30.000		27.900	27.900	27.900		
Frango	1.211.600	952.000	780.000	780.000			
EUA	901.400	750.000	600.000	450.000	350.000	15.000	110.000
UE	236.400	185.800	144.300	144.300			
Outros países	68.000	12.400	35.700	185.700			

2011 - Decisão nº 505 da União Aduaneira

de frango não trazem em 2010 a dis criminação geográfica. É importante avaliar os resultados de 2010, quando exportadores brasileiros exportaram 144,3 mil toneladas de carne de frango, e a q uota para outros países em 2010 era, inicialmente, de 35,7 mil toneladas e a dos Estados Unidos, de 600 mil toneladas.

Com a aplicação de retenções temporárias por uso de cloro, gerou aumento nas importações de carne de frango desossada (produto em que o Brasil é mais competitivo) e redução de meia carcaça e/ou *leg-quarter* (em que os Estados Unidos são mais competitivos). As quotas distribuídas para 2011 também podem ser ajustadas, dependendo da inflação, de cenários das safras e da produção interna. A Federação da Rússia terá eleições gerais no início de 2012.

Manter a qualidade e assegurar a sanidade dos produtos brasileiros exportados são pré-requisitos básicos para a manutenção do acesso ao mercado. As exigências e os controles foram ampliados, sejam por demanda dos consumidores, sejam pelos sistemas de monitoramento das importações. Preocupam o aumento de demandas de informações geradas pelo controle realizado pela supervisão sanitária e fitossanitária e a efetividade e agilidade das respostas, sempre com fundamentos na técnica, na ciência e na legislação. O pequeno volume de produtos

agropecuários russos exportados para o Brasil é tema que merece avaliação cuidadosa e pode ser uma dificuldade concreta no médio prazo. É tema para próximo artigo.

Com a liderança da Federação da Rússia, foi instituída, em 2010, a União Aduaneira, associação do país com a Bielorrússia e o Cazaquistão, sendo dado o primeiro passo para a abertura de um código de alfândegas comum para essas três antigas repúblicas soviéticas. A União Aduaneira será um mercado com uma população de 170 milhões de habitantes e um potencial industrial de US\$ 600 bilhões, com produção agrícola de US\$ 112 bilhões. Com a União Aduaneira, exportadores brasileiros habilitados para um dos três países já podem vender para os demais.

A distribuição das quotas tarifárias de carnes para 2011, como mostra a tabela, inclui 15.020 toneladas de carne bovina, 67.400 toneladas de suínos e 125.000 toneladas de carne de aves. A principal tarefa deste ano para o Brasil é adaptar os Certificados Internacionais às novas regras sanitárias e fitossanitárias estabelecidas conjuntamente pelas autoridades da União Aduaneira, que serão exigidas a partir de 1º de janeiro de 2012. Outro assunto que merece análise em novo artigo.

O Comitê Intersetorial para a Agricultura Brasil-Rússia, implantado em outubro pelo

ministro Wagner Rossi e pela ministra Elena Skrynnik, é novo instrumento para ampliar as parcerias relacionadas ao setor agropecuário.

#### Cenários Futuros

Há demandas de empresários russos para importar gelatina, manteiga, leite em pó, leite evaporado, genética animal (sêmen, embriões e reprodutores), animais vivos, alimentos para cães e gatos, rações, carne equina, milho e mais açúcar. Há oportunidade de exportação de outros produtos do Brasil, como café e frutas, que chegam ao país via Europa. Como exemplo, o volume total das exportações brasileiras de frutas representa menos que 3% das exportações de banana do Equador.

A manutenção do acesso a esse grande mercado (agora ainda maior com a União Aduaneira) e a sua ampliação com novos produtos exigem constante acompanhamento das mudanças estruturais, das políticas públicas, dos desafios e das oportunidades. É simples: demanda coordenação, busca de objetivos comuns, respostas rápidas e seguras, mas, acima de tudo, muita atenção. É isso! ■

Este artigo reflete a opinião do autor e não das instituições que representa.

\*Adido Agrícola na Embaixada do Brasil em Moscou